

Deu no New York Times*

Larry Rohter

O Brasil dos correspondentes**

**(orgs.) Jan Rocha, Thomas Milz e
Verônica Goyzueta**

Poucos ofícios guardam tanta semelhança com o da diplomacia quanto o do correspondente estrangeiro. Ambos têm entre suas necessidades básicas a de vivenciar e compreender a realidade política, econômica, social e cultural de uma sociedade que não é a de quem a exerce, e de relatar para pessoas em sua terra natal sua apreensão dessa outra realidade de um modo que possa ser útil aos que receberem tal relato.

Por isso, entre outras razões, o diálogo entre jornalistas baseados em outros países e diplomatas seja com frequência tão rico e proveitoso para ambos os lados. Por isso, também, tratar de livros de correspondentes numa revista especializada em política externa é completamente adequado.

Dois lançamentos recentes mostram a importância para o Brasil do trabalho de correspondentes estrangeiros aqui sediados. Um é *Deu no New York Times*, de Larry Rohter; o outro, *O Brasil dos Correspondentes, de um grupo de jornalistas*, organizado por Jan Rocha, Thomas Milz e Verônica Goyzueta. Ambos merecem ser lidos.

Os estereótipos do correspondente e do diplomata no imaginário coletivo sugerem uma vida cheia de emoções fortes, *glamour* e encanto. Quem conhece de perto sua rotina sabe que isso não corresponde à realidade.

Por Carlos Eduardo Lins da Silva***

* Objetiva, Rio de Janeiro, 2008, 416 p.

** Mérito, São Paulo, 2008, 365 p.

O que existe de fato é um esforço duro e cotidiano para obter informações, formar sentido a partir delas, muitas vezes contraditórias e oriundas de diversas fontes com interesses em conflito entre si.

Por isso, Rohter, que escreveu sobre o Brasil para o *New York Times* entre 1999 e 2007, tenha várias vezes manifestado sua frustração por ter tido seu nome associado quase sempre a um incidente lamentável, em razão do qual quase teve seu visto de trabalho no Brasil anulado, por uma decisão direta da Presidência da República.

Como muitos lembrarão, Rohter escreveu uma reportagem basicamente correta, mas que recebeu um título infeliz quando foi publicada pelo seu jornal em 9 de maio de 2004, sobre os rumores que circulavam no mundo político brasileiro sobre abusos no consumo de bebidas alcoólicas por parte do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O título (“Gosto do dirigente brasileiro pela bebida torna-se preocupação nacional”) extrapolava em muito o que dizia o texto que Rohter redigiu, e ele próprio disse que, ao se defrontar com a edição, previu que aquilo poderia provocar reações negativas por parte do governo brasileiro. Ele não sabia quão negativas acabariam sendo.

O caso, que acabou contornado, demonstrava uma antipatia pela imprensa da parte do governo federal brasileiro, a partir de 2003, que não era nenhuma novidade, mas que jamais havia sido expressada com tanta virulência. E Rohter sofreu, injustamente, uma enorme campanha do patrulhamento ideológico que virou moda no Brasil contemporâneo.

Sua frustração por ter ficado famoso por um trabalho menor em parte explica seu desejo de escrever e editar um livro que mostrasse que sua passagem jornalística pelo Brasil superou em muito os contornos desse episódio lamentável sob todos os aspectos.

De fato, a relação do jornalista com o Brasil é muito mais abrangente do que os oito anos em que foi correspondente do *Times* aqui. Ele conhecia o país desde 1972, trabalhou no Rio para outros importantes veículos de comunicação americanos e estabeleceu vínculos pessoais e afetivos com o país bastante sólidos.

Deu no New York Times trata, é claro (seria pouco jornalístico se não o fizesse) do incidente com Lula. Mas vai muito além. Traz diversos textos, muitos inéditos, sobre cultura, sociedade, política, ciência, economia e a Amazônia, que revelam um conhecimento carinhoso e aprofundado, embora às vezes um pouco ingênuo, do Brasil.

O Brasil dos correspondentes é um belíssimo volume, com edição caprichada, que marca a comemoração dos trinta anos de fundação da Associação de Correspondentes Estrangeiros, que conta atualmente com 130 associados, e pela qual passaram mais de mil jornalistas.

Trata-se de projeto ambicioso e bem realizado. Alberto Dines, um dos ícones do bom jornalismo brasileiro, faz a apresentação e resume bem o conteúdo do livro: “O Brasil é um relato. Na verdade, uma inesgotável antologia de relatos, verdadeiros, palpitantes, contrastantes. Avulsos, mas parecem organizados por uma diligente bibliotecária”.

É do que se trata. São dezenas de textos de autores diversos que formam um belo mosaico do que é esta nossa nação, mas principalmente de como ela é retratada para o restante do mundo por esses correspondentes estrangeiros.

Para citar Dines novamente: “Organicamente peregrinos, mesmo quando estacionados em postos fixos, jornalistas são observadores natos, compulsórios, privilegiados. Tal como Sherazade, submetida ao *deadline* de contar uma história a cada noite para não morrer, somos moldados pelo compromisso de relatar, registrar, reportar. Ou desenhar, pintar, fotografar, filmar”.

O livro é uma antologia de reportagens e fotos produzidas por sócios da ACE entre 1977 e 2007, um período particularmente rico da história brasileira. Para nós, que o vivemos de modo tão intenso, é muito curioso conhecer como os leitores de outros países o experimentaram a partir do que lhe relatavam os seus veículos de comunicação.

A diversidade das múltiplas facetas, a prioridade que cada correspondente escolhia para enfocar o seu assunto, a variedade de abordagens para os grandes temas nacionais são extremamente instigantes e fazem da leitura desse livro um exercício de antropologia comparada muito raro e valioso.

Num momento em que o jornalismo vive grave crise, que faz dos correspondentes estrangeiros – profissionais necessariamente caros para seus empregadores – vítimas preferenciais na hora dos inevitáveis cortes de despesas, é vital chamar a atenção sobre a sua imprescindibilidade.

São os correspondentes que tornam possível à opinião pública de um país compreender o que se passa em outro. Eles são insubstituíveis nessa tarefa. Nem de longe as agências de notícias, a internet, os blogs, os canais internacionais de TV, as emissoras de rádio os substituem.

Só eles são capazes de saber o que interessa ao seu público específico no oceano de informações disponível em cada nação. Só eles têm a competência para moldar essas informações numa linguagem compreensível ao seu consumidor. Ninguém mais do que eles sabe como definir as prioridades da sua audiência única.

Por isso, prestigiar esses dois livros é ainda mais importante. Os correspondentes estrangeiros, como os diplomatas, não podem deixar de existir. Eles ajudam a melhorar as relações entre os povos, algo absolutamente essencial para a sobrevivência e o aperfeiçoamento da humanidade.

*** Carlos Eduardo Lins da Silva é editor da *Revista Política Externa*, membro do grupo de análise de conjuntura internacional da USP e ombudsman da *Folha de S. Paulo*,